

O DISCURSO DE ÓDIO E A ARGUMENTAÇÃO: UMA PROPOSTA PARA O ENSINO MÉDIO

HATE SPEECH AND ARGUMENTATION: A PROPOSAL FOR HIGH SCHOOL

Samara Gabriela Leal França
USP

Resumo: Movido pela análise das falácias e da lógica informal, o pensamento crítico impulsionou novas perspectivas, nas quais se compreende a importância de que os sujeitos em formação escolar desenvolvam a capacidade de formular, identificar e avaliar argumentos. Apropriando-se de tais habilidades, os alunos podem estar melhor preparados para posicionar-se de modo menos ingênuo frente aos discursos que permeiam a sociedade que, de maneira explícita ou não, tendem a manipular pelo poder da linguagem. Desse modo, lançando mão da análise do discurso e de estratégias argumentativas, esta pesquisa objetiva tecer discussões acerca de uma proposta interventiva de ensino que tem como foco o processo de ensino-aprendizagem da argumentação nos gêneros cartas de solicitação e reclamação. As reflexões serão tecidas à luz de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), Amossy (2011), Breton e Gauthier (2001), dentre outros. Os resultados demonstram que tão importante quanto instrumentalizar os alunos no que tange aos recursos estratégicos da língua, é ensiná-los a construir argumentos em defesa de uma posição sem que se utilize do discurso de ódio, da “argumentação ad hominem” e do “confronto bélico”, conforme denominam Breton e Gauthier (2001). Esses conceitos serão melhor evidenciados ao longo do artigo.

Palavras-chave: Discurso de ódio; Argumentação; Confronto Bélico; Carta de Solicitação; Carta de Reclamação.

Abstract: *Driven by the analysis of fallacies and informal logic, critical thinking has driven new perspectives, in which it is understood the importance of subjects in school training to develop the ability to formulate, identify and evaluate arguments. (BRETON and GAUTHIER, 2001) Appropriating such skills, students may be better prepared to position themselves in a less naive way against the discourses that permeate society, which, explicitly or not, tend to manipulate by the power of language. Thus, using discourse analysis and argumentative strategies, this research aims to discuss an interventional teaching proposal that focuses on the teaching-learning process of argumentation in the genres letters of request and complaint. The reflections will be woven in the light of Perelman and Olbrechts-Tyteca (2005), Amossy (2011), Breton and Gauthier (2001), among others. The results show that it is as important to teach students how to construct arguments in defense of a position without using hate speech, “argumentation ad hominem” and “warlike confrontation”, as Breton and Gauthier (2001) call them. These concepts will be better evidenced throughout the article.*

Keywords: *Hate speech; Argumentation; Warlike Confrontation; Letter of Request; Letter of Complaint.*

INTRODUÇÃO

Ao proporem uma linha histórica para as teorias da argumentação, Breton e Gauthier (2001) concluem que o ensino sobre as estratégias argumentativas não estão tão presentes na sala de aula quanto deveriam. Para os autores, a ausência “de um ensino sólido e estruturado da argumentação, apoiado numa cultura geral, ampla e interessada na utilização prática, transforma os nossos jovens em cidadãos lançados à água sem aprendizagem prévia e posteriormente censurados por não saberem nadar.” (BRETON E GAUTHIER, 2001, p.148)

A ausência da argumentação e do raciocínio lógico em sala de aula pode ter sido fomentada por uma cultura escolar que, durante décadas, foi sedimentada na concepção de que o educador era o detentor do saber e o aluno, mero reprodutor e armazenador de informações. (FREIRE, 2000) Assim é que, quando se privilegiou o ensino da argumentação: habilidade essencial proposta pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e pelo Currículo de São Paulo aos alunos do Ensino Médio, por exemplo. E, quando o pensamento crítico impulsionou a necessidade de que os alunos fossem autônomos e reflexivos, observou-se a lacuna e a dificuldade dos discentes nessa condução de proposta pedagógica, uma vez que as provocações para que questionassem ou se posicionassem sobre o que aprendiam eram, ainda, incipientes.

Nesse sentido, evidencia-se, neste trabalho, a corrente do pensamento crítico, concedendo-lhe lugar nas investigações contemporâneas como possibilidade de se recuperar o fundamento pedagógico da argumentação. Isso porque foi a partir desta corrente que se iniciou a reflexão da finalidade educativa da lógica e do raciocínio, isto é, a necessidade de “inculcar o sentido crítico nos estudantes e desenvolver a sua capacidade de pensar”. (BRETON e GAUTHIER, 2001, p.148)

Para tanto, pretendemos, à luz da relação entre a análise do discurso, de base enunciativa (MAINGUENEAU, 2002) e a teoria da argumentação: tecer uma discussão acerca de uma proposta interventiva de ensino que tem como foco a argumentação nos gêneros *cartas de solicitação* e *reclamação*. A intervenção foi realizada com alunos do terceiro ano do Ensino Médio de uma escola pública do interior de São Paulo, cujas produções e propostas de atividades compõem o *corpus* de análise deste artigo. O livro “Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso” de William Cereja, Carolina Dias Vianna e Christiane Damien configurou-se base para a aplicação da proposta que foi pautada em uma metodologia ativa e dialógica de ensino.

Com efeito, todo projeto de ensino deve partir de uma contextualização com a realidade e o cotidiano dos alunos, valorizando as experiências além da sala de aula. É nesse quesito que se observa, na primeira seção deste estudo, a mobilização para o projeto que envolve os conceitos de “confronto bélico” e da “argumentação ad hominem”, postulados por Breton e Gauthier (2001). Tais conceitos serão discutidos e relacionados a um fenômeno que tem se destacado que são os “discursos de ódio” que permeiam os ambientes virtuais dos quais os alunos participam de forma ativa. Já na segunda seção, apresenta-se a análise do projeto interventivo e, por fim, são tecidas as considerações finais.

1 CONFRONTO BÉLICO, ARGUMENTAÇÃO AD HOMINEM E OS DISCURSOS DE ÓDIO

Com a campanha eleitoral para a presidência do Brasil em 2018, muitas discussões ideológicas, sobretudo ligadas às questões de gênero, religião, raça e posicionamento político ganharam força e espaço, de maneira especial no ambiente virtual.

Se por um lado, tal evento foi positivo à medida que privilegiou o debate, a discussão de ideias e a liberdade de expressão, por outro lado, culminou num fenômeno que é preciso ser discutido e refletido que são as atitudes violentas - ataques, perseguições, ofensas - assim como, os “discursos de ódio” que se repercutem rapidamente nas redes sociais e impactam fortemente os jovens, de modo geral e, sobremaneira, os que participaram deste estudo.

Essa afirmação decorre da recepção de uma pesquisa, composta por quatro questões, realizada com os discentes que participaram do projeto interventivo de ensino. O objetivo era buscar compreender melhor o evento discursivo acima evidenciado e seus efeitos para os participantes. Tais dados encontram-se ilustrados e discutidos abaixo:

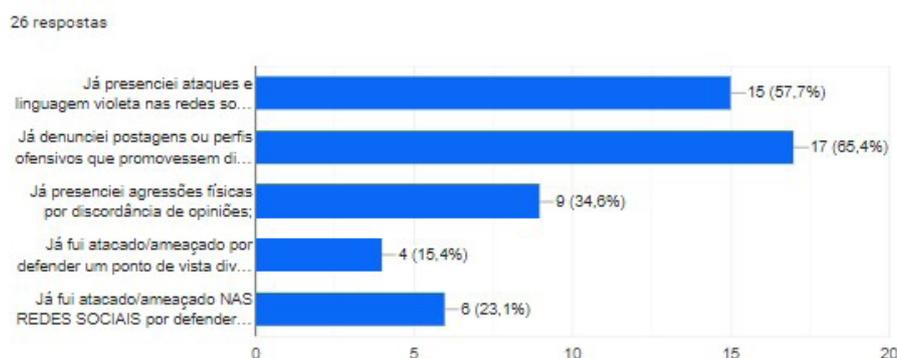


Figura 1. Situações vivenciadas nas redes sociais

Fonte: Autoria própria

Vinte e seis alunos responderam à pesquisa e, na primeira questão, eles poderiam marcar mais de uma opção. Assim, ao serem questionados sobre as vivências nas redes sociais com relação aos discursos de ódio:

- 65,4% deles afirmaram já terem denunciado postagens e perfis ofensivos que promovessem discurso de ódio;

- 57,7% responderam já terem presenciado ataques e linguagem violenta nas redes sociais para se defender um ponto de vista;

- 34,6% declararam já terem presenciado agressões físicas por discordância de opiniões;

- 23,1% afirmaram já terem sido atacados/ameaçados nas redes sociais por defenderem um ponto de vista divergente de outras pessoas;

- 15,4% disseram já terem sido atacados/ameaçados pelo mesmo motivo, fisicamente - aqui entendido como fora das redes sociais.

Destaca-se da primeira pergunta a consciência crítica dos alunos, uma vez que a grande maioria já denunciou esses eventos nas redes sociais e, também, o impacto dessas situações para os jovens, pois apesar de os ataques e da linguagem violenta não terem ocorrido com eles mesmos (76,9%), metade deles, ao menos, presenciaram tal evento nas redes (57,7%).

Com relação às redes sociais em que mais presenciaram esses ataques e ameaças, os discentes elencaram em primeiro lugar o Facebook, seguido pelo TikTok e depois pelo Instagram. Possivelmente, sejam essas redes sociais as mais acessadas pelos alunos, conforme podemos ver no gráfico abaixo:

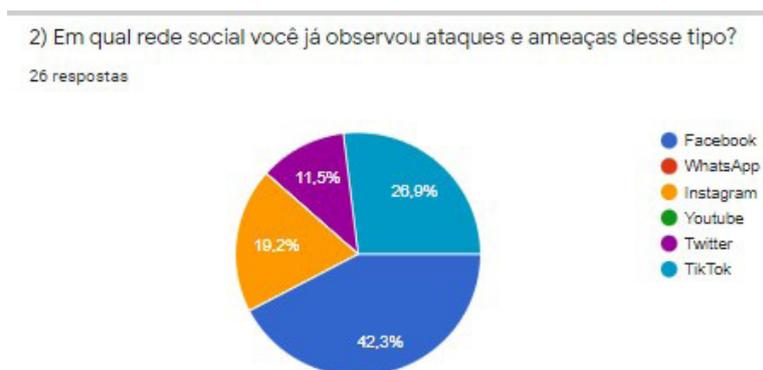


Figura 2. Redes Sociais que mais veiculam o discurso de ódio
Fonte: Autoria própria

A pesquisa procurou saber, também, quais os temas que mais suscitam a linguagem violenta. Segundo os discentes, e como veremos a seguir, são eles: i) Homofobia; ii) Intolerância Política e Misoginia ; iii) Xenofobia e Racismo, por fim, iv) a intolerância religiosa:

Encerrando a pesquisa, os alunos foram instigados a refletir sobre o controle das redes sociais com relação aos conteúdos que veiculam, conforme será demonstrado nos gráficos seguintes:

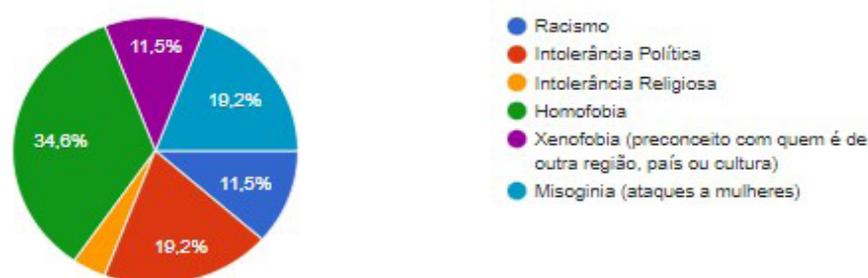


Figura 3. Temas que mais suscitam o discurso de ódio
Fonte: Autoria própria

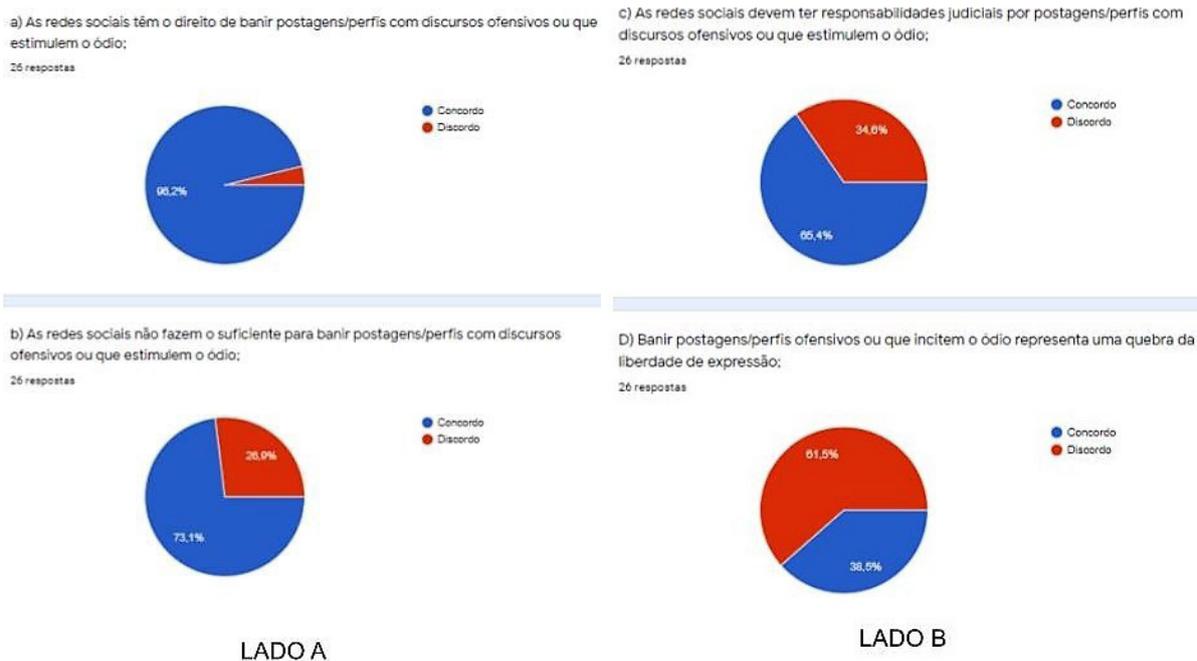


Figura 4. O controle das redes sociais com relação aos conteúdos que veiculam

Fonte: Autoria própria

Nesse último tópico da pesquisa:

- 96,2% dos alunos acreditam que as redes sociais têm o direito de banir postagens/perfis com discursos ofensivos ou que estimulem o ódio;
- 73,1% concordam que as redes sociais não fazem o suficiente para banir postagens/perfis com discursos ofensivos ou que estimulem o ódio;
- 65,4% afirmaram que as redes sociais devem ter responsabilidades judiciais por postagens/perfis com discursos ofensivos ou que estimulem o ódio;
- 61,5% discordam que banir postagens/perfis ofensivos ou que incitem o ódio representa uma quebra da liberdade de expressão;

Embora a pesquisa tenha sido respondida de maneira anônima para que os alunos pudessem responder com segurança e liberdade, os resultados foram discutidos com eles para que tivessem consciência de que o discurso tem poder tanto positivo quanto negativamente. E que tudo o que é dito ou escrito tem uma resposta, uma repercussão, uma consequência.

Ao se discutir com os alunos como esses discursos de ódio são construídos, pode-se observar nesses conflitos que a argumentação perde lugar, uma vez que, como defendem Breton e Gauthier (2001) “a argumentação exige a renúncia à força, à violência, ao confronto bélico. É certo que só há argumentação quando há desacordo, mas ela impõe uma resolução do desentendimento por meio da discussão, do debate discursivo, em vez do confronto bélico.” (p.13). Embora não haja nos autores citados a definição de “confronto bélico”, pelo contexto onde o conceito aparece e, ainda, retomando o termo através de seu sentido denotativo temos como palavras correlatas

“guerra”, “luta”, “batalha”, “conflito” e “briga”.

Assim é que se compreende que argumentar não é revelar ou, ainda, impor uma certeza/verdade, muito menos utilizar um discurso violento. Antes de tudo, trata-se de se estabelecer uma convicção e de buscar o consenso. É o oposto do que se depreende nos discursos que circulam as redes, em que cada sujeito envolvido nesses debates públicos busca uma imposição daquilo em que se acredita, muitas vezes, atacando o adversário, e ficando, nesse contexto, demasiadamente longe da pretensão de se chegar a um acordo. Na figura abaixo, podemos analisar um exemplo:

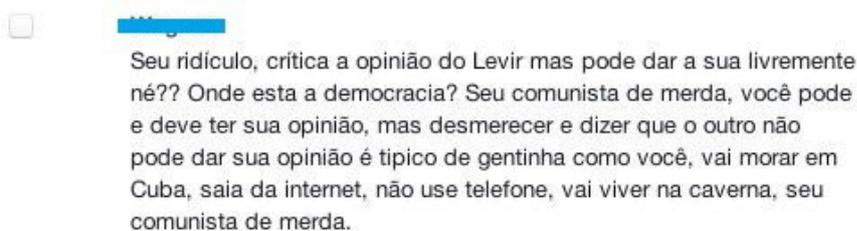


Figura 5. Discurso de ódio

Fonte: BLOG SAKAMOTO, disponível em blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/uol_amp/2014/09/30/caso-levy-a-diferenca-entre-emitir-opiniao-e-proferir-discurso-de-odio/

Como se pode observar, a estratégia utilizada no discurso acima consiste, sobremaneira, em atacar o outro. Expressões como “Seu ridículo” e “gatinha” - utilizada no diminutivo de maneira pejorativa - e outras ofensas presentes no texto, além de fazerem com que o debate se configure no conceito de “confronto bélico”, fazem emergir a classificação da argumentação “ad hominem”.

Esse tipo de argumento, conceituado por “ad hominem”, foi preconizado por John Locke. Para ele, significava “a contestação de um oponente por este se recusar a aceitar a conclusão que se impõe a partir de premissas às quais declara aderir”. (BRETON E GAUTHIER, 2001, p.103) Ou seja, caracterizava-o como uma incoerência, uma contradição.

Entretanto, com o avanço das teorias da argumentação, o argumento “ad hominem” passou a ser compreendido como um “ataque à pessoa do adversário, mais do que às suas ideias, opiniões ou argumentos”. (BRETON E GAUTHIER, 2001, p.103) Nesse sentido, ao analisar a figura 5, observa-se que a argumentação utilizada busca desqualificar o outro, como é comum em diversos discursos de ódio que circulam nos ambientes virtuais. Nesses tipos de discursos, portanto, o “confronto bélico” e a “argumentação ad hominem” estão sempre presentes.

Refletir essas questões, principalmente com os sujeitos ainda em formação escolar, faz com que haja possibilidade de desconstrução dessas práticas, posto que os efeitos delas são ruins para as pessoas envolvidas nos debates. Podem trazer consequência do mundo virtual ao presencial, podem difamar alguém, sem mencionar a *política de cancelamento* das redes.

Além disso, a imposição desses tipos de discursos, de maneira rotineira, faz com que temas importantes sejam banalizados como o respeito às diferenças, - religiosas, políticas, étnicas - redimensionando a intolerância nos debates e nas relações interpessoais. A utilização de estratégias

argumentativas sólidas pode colaborar para uma convivência pacífica das diferenças, obtendo melhores resultados, inclusive, para a “adesão de mentes”, isto é, para convencer alguém, de maneira mais respeitosa e significativa.

2 ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS EM CARTAS DE RECLAMAÇÃO E SOLICITAÇÃO: UMA PROPOSTA DE ENSINO

Nos termos de Amossy (2017), as disputas polarizadas acerca das ideologias já discutidas anteriormente sempre existiram na sociedade e continuam a ganhar destaque e ampliação, sobretudo, numa época com relevo das relações mediadas pela tecnologia. Embora haja os defensores de que as distintas dicotomizações tivessem de ser amenizadas, há aqueles, como a autora, que acreditam que isso não seja factível, uma vez que o conflito e o dissenso fazem parte da interação humana.

A autora defende que as polarizações cumprem funções sociais, e diferentemente do que se pode pensar, podem colaborar para os mecanismos democráticos da sociedade. Assim, em vista de se refletir sobre a moldagem da polêmica como lugar que privilegia os debates e a resolução de conflitos, compreende-se a relevância de propostas escolares que visem ao ensino da utilização de estratégias argumentativas, suas construções de sentido e as marcas de posição do enunciador contra a perspectiva da impolidez e o discurso de ódio nas interações sociais públicas.

Se, como tem-se defendido, a argumentação não se constrói através das estratégias “ad hominem” e, tampouco, através do “confronto bélico”, a argumentação como atividade linguística e como o estudo das técnicas discursivas fundamentam não apenas a análise deste artigo, mas também o plano de ensino evidenciado.

Assim é que se compreende, nos termos de Munson (1976) e Fogelin (1978), que a argumentação é uma atividade essencialmente linguística, ou seja, podemos realizá-la através da linguagem. Além disso, como defende Perelman (1970), a argumentação corresponde ao estudo “das técnicas discursivas que permitem provocar ou reforçar a adesão dos espíritos às teses que são apresentadas ao seu assentimento”. (BRETON E GAUTHIER, 2001, p.50)

Para a análise de tais estratégias, Perelman e Obrechts-Tyteca (2005) são referências para que se compreenda as técnicas de discursos que buscam persuadir e convencer; pois, como já elucidado, de acordo com eles, é fundamental se refletir sobre os recursos discursivos utilizados para se obter a “adesão das mentes”.

Na perspectiva dos autores, a apresentação dos dados, a organização do texto, a repetição de palavras e as escolhas de termos e signos, mesmo contraditórias à expectativa do leitor, avivam a atenção deste àquilo que se quer comunicar/argumentar no discurso. Dessa maneira, compreende-se que “para discernir o uso argumentativo de um termo, é importante, pois conhecer as palavras ou as expressões de que o orador poderia ter-se servido e às quais preferiu a palavra utilizada”. (PERELMAN E OBRECHTS-TYTECA, 2005, p.170)

Lançando mão dessa concepção de estudo, nesta seção, pretende-se discutir um dos diversos caminhos possíveis para aproximar os discentes dos recursos linguísticos argumentativos. As etapas

do projeto de ensino que serão analisadas seguem a ordem: i) leituras; ii) compreensão do gênero dentro do seu contexto de circulação e iii) análise do discurso e das estratégias argumentativas. Alguns textos trabalhados e a proposta com as cartas de solicitação e reclamação podem ser encontrados no livro didático, do PNLD 2018 a 2020, “Português Contemporâneo: diálogo, reflexão e uso” de William Cereja, Carolina Vianna e Christiane Damien.

2.1 As cartas analisadas

As primeiras cartas analisadas (Cartas 01 e 02) não evidenciam o discurso de ódio nas interações, no entanto, elas foram analisadas com os alunos, a fim de que se compreendesse a contextualização dos gêneros estudados e que, com estratégias argumentativas solidificadas, a impolidez e descortesia perdem lugar. Refletiu-se sobre quem as produziu, a quem se dirigia, qual a solicitação ou reclamação realizada, se a identificação do assunto estava clara, assim como a situação de comunicação em que elas circularam. Mais cartas foram discutidas e analisadas com os alunos, entretanto, aqui serão evidenciadas apenas três.

Quanto às estratégias argumentativas destacadas, na primeira carta que segue - de solicitação - observou-se a escolha de alguns termos que reforçam o argumento principal defendido no discurso: a relevância de se considerar o circo como opção no “Edital de Seleção de Patrocínios de projetos culturais” da empresa Correios, conforme se evidencia abaixo:



Figura 6. Carta de Solicitação

Fonte: Disponível em: carta-correios.jpg (2482×3508) (wordpress.com). Data do acesso: 18/08/2021

Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), “a escolha dos termos, para expressar o pensamento, raramente deixa de ter alcance argumentativo” (p.168). Assim, entende-se que os adjetivos, utilizados no superlativo, como “profícuo”, “imensa”, “inúmeros”, “fortalecida” não foram escolhidos a não ser para cumprir seu objetivo no discurso que é convencer à empresa de Correios da qualificação da cooperativa circense para que façam parte do Edital de Seleção.

Alinhados, ainda, às concepções dos autores acima mencionados, depreende-se que “por vezes a escolha de um termo será destinada a servir de indício, indício de distinção, de familiaridade ou de simplicidade” (PERELMAN E OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p.169). Assim é que ao mencionarem instituições familiares e reconhecidas no âmbito cultural como SESC, SESI, CAIXA CULTURAL, os enunciadores demonstram as referências artísticas que possuem estabelecendo uma relação de comunhão com os destinatários da carta que, através do edital, se comprometem com a difusão da cultura.

Além disso, observa-se que, embora a carta seja assinada pelo presidente da Cooperativa Brasileira de Circo, ela representa o interesse de “todas as demais entidades que compõem a Aliança Pró Circo”, o que fica claro logo no início do texto, numa tentativa de se estabelecer uma preocupação coletiva e que busca atender não apenas os interesses dos remetentes, mas os dos seus interlocutores também. Foi possível discutir com os alunos, ainda, que apesar de se tratar de uma carta de solicitação é possível ser destacada no texto em evidência uma reclamação implícita: a de ainda não fazer parte do Edital de Seleção da empresa.

Já na carta de reclamação abaixo, outras estratégias foram reconhecidas:

São Bernardo do Campo, 09 de junho de 2000.
Pergunto para a empresa F do Brasil, por intermédio deste conceituado portal, já que não obtive resposta aceitável por meio do único canal de comunicação com a fábrica, o telefone 0800.

Comprei um veículo FF, em leilão, com 10 mil quilômetros rodados, proveniente da frota utilizada em Camaçari pela empresa F. Por se tratar de carros utilizados por funcionários de alto escalão da empresa, fui informado de que o carro estaria sem garantia. Mesmo assim comprei, confiando na qualidade dos produtos da Marca F, pois já adquiri diversos veículos, e meus familiares, ao longo de 20 anos, têm sido também clientes dessa montadora. Exemplos: FX Super Série, FSuper, FC (4 ao longo dos anos), FY Sedan, FY Hatch (anos 2007 e 2009), FK 2009, FF 2008 e um FW 2010, que ainda não chegou, todos sempre comprados em concessionárias F (principalmente a FS, com a Sra. T.).

Por minha conta, mandei o veículo comprado no leilão para a revisão dos 10 mil e 15 mil km (antecipadamente, para evitar problemas), pagando normalmente por tais revisões. Porém, na última revisão surgiu um defeito que, segundo a concessionária FS e a própria empresa F, localizava-se no diferencial do carro, que afeta a tração 4wd, fazendo com que o veículo trave as rodas traseiras em funcionamento (nunca tinha ouvido nem lido nada a respeito disso). Após a constatação do defeito, a concessionária entrou em contato com o fabricante, a fábrica autorizou a troca da peça e ainda me ofereceu garantia estendida, comunicando a mim e também à concessionária a troca sem custo algum (mesmo não estando em garantia, por se tratar de um defeito de fabricação e não de mau uso). Após cerca de 3 semanas da autorização do conserto, a própria F me ligou (consultor R. de O., do 0800 da fábrica), alegando que não fariam mais o conserto, por se tratar de um carro comprado em leilão. Fiquei muito surpreso, pois, quando ligaram autorizando, estavam cientes de que era um carro de leilão. Passados mais de 30 dias, o meu carro está no elevador da concessionária, desmontado, sem solução, pois, na minha opinião, a fábrica não sabe o defeito do carro! Diferencial com problemas! Como? Nunca vi isso, e para que leiloar um carro com problema no diferencial? Como vou consertar? Se nem a fábrica tem essa peça, ou seja, isso não se quebra!!! (O atendente do 0800 me disse que a peça teria de vir do México e achava que iria demorar cerca de 30 dias.) Péssimo isso, a empresa F está no país há várias décadas, não é uma marca recente como outras que também sofrem por falta de peças.

Assumi a responsabilidade de comprar um carro em leilão ciente de que não possui garantia. Mas um defeito no diferencial, isso não aceito. Se após 6 meses de eu ter comprado um carro em leilão, ele rachar no meio, o fabricante não se responsabiliza por nada? Isso é bem estranho. E me pergunto: como se quebra um diferencial de um carro com 14 mil km e automático?

Fico no aguardo por alguma ajuda no caso.

Figura 7. Carta de reclamação
Fonte: Cereja, (2016, pp. 169-170)

Pode-se observar, na figura acima, um vasto campo de estratégias argumentativas que foram analisadas com os discentes após serem revisados os elementos que compõem o gênero em questão. O primeiro elemento argumentativo foi a colocação do enunciador como cliente antigo da Fábrica F, em que não apenas ele, mas toda sua família adquire automóveis. Esse estabelecimento de comunhão com outras pessoas explicita que ao deixar o reclamante descontente, a empresa pode perder mais de um cliente.

Observa-se, também, que o autor se utiliza do argumento “de provas concretas ou princípio”, quando usa nomes e dados para confirmar a veracidade das informações que expõe na carta. O enunciador, ainda, tece elogios à empresa contratada no fragmento “...mesmo assim comprei, confiando na qualidade dos produtos da marca F.”; uma confiança que foi quebrada, mas pode ser restaurada mediante a resolução do problema.

Outra estratégia do enunciador é assumir parte da responsabilidade pelo ocorrido “assumi a responsabilidade de comprar um carro em leilão ciente de que não possui garantia.”, e se mostra uma pessoa flexível, disposta a contribuir para a solução do conflito.

Como se pode perceber, há, ainda, uma série de questionamentos retóricos dirigidos aos leitores, a fim de direcionar a argumentação à resposta pretendida pelo autor, como em... “Nunca vi isso, e para que leiloar um carro com problema no diferencial? Como vou consertar?” e, depois, em “E me pergunto: como se quebra um diferencial de um carro com 14 mil km e automático?”

Para finalizar a identificação das estratégias, observa-se que o enunciador elabora uma apresentação sucessiva de várias informações ou elementos necessários à compreensão do texto que colaboram para o argumento desenvolvido. Desse modo, essa foi a reflexão final com os discentes: as estratégias utilizadas na carta contribuíram para que seu autor atingisse seu objetivo? A posição dos alunos foi consensual ao afirmarem que julgavam que sim.

A respeito de outras cartas analisadas em sala, a representada na Figura 08, com uma reclamação pouco comum, mas verdadeira, faz retomar os conceitos da argumentação “ad hominem” e do “confronto bélico”. Assim, foi possível discutir com os alunos a questão da impolidez, e, ao mesmo tempo, da falta de estratégias argumentativas que conseguissem convencer à destinatária da carta. Refletir sobre a reclamação realizada possibilitou a compreensão dos efeitos do discurso de ódio para quem o recebe e de que maneira a mesma carta poderia ter sido escrita se lançasse mãos de estratégias argumentativas bem utilizadas, como por exemplo, aquelas presentes e analisadas nas Cartas 01 e 02. Sabe-se que a carta abaixo não foi persuasiva, pois a interlocutora da carta ficou admirada quando a recebeu e, além de não mudar sua postura, enviou-a para uma comediantes australiana que a divulgou em suas redes sociais, escrevendo uma coluna sobre o assunto.

Os ataques à destinatária da carta, consoante figura 08, e o modo como ela foi elaborada - com ironias e expressões pejorativas -, retomam justamente o que foi discutido na seção anterior, quando os sujeitos recorrem a ataques e à linguagem violenta para se posicionar ou tentar convencer alguém. Entretanto, além de todos os aspectos negativos que já foram evidenciados, essa elaboração argumentativa, muitas vezes, não atinge a finalidade de se chegar a um acordo ou

ao convencimento, que são os objetivos centrais ao se argumentar.

A carta em análise causou justamente o oposto da finalidade a que se propôs, pois a interlocutora além de enviá-la para uma comedianta, passou a postar ainda mais imagens de sua filha nas redes. Nesse sentido, depois de toda reflexão sobre “discursos de ódio, linguagem violenta, confronto bélico e argumentação ad hominem”, a provocação, para os alunos, era buscar as razões pelas quais as remetentes da carta não obtiveram êxito.

Em consonância com todas as considerações tecidas e, ainda, com a posição de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), torna-se evidente que ao se argumentar, faz-se necessário considerar “o outro”, bem como sua reação perante a troca discursiva. Quando se utiliza da linguagem violenta, fica claro que não se considera o interlocutor. Assim, os alunos deveriam reescrever a carta, escolher e apresentar melhor os argumentos, adaptando o discurso aos efeitos procurados. Um exemplo dos resultados pode ser analisado abaixo:

Jade,

Me reuni com algumas das garotas estamos tão CANSADAS de seus comentários recorrentes sobre a sua vida e cada pequena coisinha que Addy faz. Olha, nós todas temos filhos pelos quais somos loucas - adivinhe - todo pai acha que seu filho é o melhor do mundo. Mas não fazemos todo mundo engolir isso!!! Ela veste uma roupa nova - bem, tire uma foto e mande PRIVADAMENTE para a pessoa que deu a roupa para ela - não para todos!!! Ela engatinha para fora do tapete - nós NÃO ligamos!!! Ela tem 6 meses - GRANDE COISA!!! Pare e pense - se todas as mães postassem todas as bobagens sobre seus filhos - tenho certeza de que você se cansaria muito rápido. Mal podemos esperar para você voltar ao trabalho - talvez você não tenha tanto tempo para passar no Facebook. Addy é linda e nós todas a amamos, mas nossas crianças são demais também. Acho que você está irritando muita gente com seus "Addy isso e Addy aquilo" - achamos que isso diminuiria depois do primeiro mês, mas isso não aconteceu. Nem todo mundo está tão interessado quanto você sobre o que Addy faz, então dê um tempo. Estamos fazendo isso para que você saiba o que realmente as pessoas pensam.

Figura 8. Carta de reclamação pouco comum
Fonte: Revista Crescer | Curiosidades (globo.com)

A produção discente, a exemplo das demais, demonstra a compreensão de que a utilização de estratégias argumentativas pode, e deve, partir do pressuposto da negociação, observados os ajustes realizados no processamento da interação. Destaca-se na carta: i) o estabelecimento de uma comunhão com uma amiga comum, “Luiza”, ou seja, a preocupação de que trata a carta não é apenas de uma só pessoa ; ii) primeiramente, o enunciador utiliza a estratégia de reciprocidade, parabenizando o nascimento da filha e afirmando que ela “realmente” é muito linda e, assim, depreende-se a relevância das postagens na compreensão “se é bonita, vale mesmo compartilhar”; iii) a interlocutora elabora seu lugar de fala, pois se coloca como uma profissional da Delegacia, uma autoridade para falar sobre crimes (cibernéticos ou não) e, por fim, iv) torna-se evidente o principal argumento: os perigos que podem decorrer do excesso de exposição nas redes.

Ademais, os anos de amizade justificam a preocupação e o alerta das amigas. A escolha da expressão “...que você não nos entenda mal, só achamos uma boa ideia te alertar sobre isso” torna a carta menos impositiva do que a versão original, onde podemos encontrar expressões como “...

então, dê um tempo”. O tom assumido é mais respeitoso, o que pode colaborar para a modificação da atitude da interlocutora.

Aguai-SP, 10 de agosto de 2021.

Olá amigo, depois que estava tudo bem com você. Vim, por meio desta carta, eu e minha amiga Luiza para parabenizar o nascimento da sua filha, ela realmente é muito linda.

Podem também vimos de falar de um assunto muito delicado que é sobre as fotos e post que você faz envolvendo ela, eu trabalho na cidade de Aguai e vejo muitas ocorrências de mães que tem fotos de seus filhos "vagas" na internet, muitas das vezes vendidos para grupos de pessoas maliciosas e eu como sua amiga de anos resolvi te alertar sobre isso juntamente com Luiza.

Que você não nos entenda mal, só achamos uma boa ideia de alertar sobre isso.

Passar Bem!

Figura 9. Produção discente
Fonte: Autoria própria

Essas observações e os resultados do projeto de ensino permitem concluir que foi favorecido aos discentes identificar, avaliar e construir seus próprios argumentos a fim de se posicionar frente a uma situação discursiva concreta, respeitando-se a posição do interlocutor. Nesse contexto, o papel do professor é de mediador, suscitando reflexões e análises. Para as atividades propostas, o pensamento crítico foi uma concepção fundamental no processo de ensino-aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de uma pesquisa realizada com os discentes participantes deste estudo, foi possível se discutir acerca de eventos discursivos, principalmente os que ocorrem nas redes sociais, que se utilizam do “confronto bélico” e da argumentação “ad hominem”. Esses debates, marcados por uma relação de força e imposição, fazem uso da linguagem violenta e do discurso de ódio, desconsiderando o jogo argumentativo pautado na defesa de ideias e na consideração da reação do outro.

Tal motivação possibilitou levar para a sala de aula um projeto de ensino sobre estratégias argumentativas em cartas de solicitação e reclamação. Através das análises dessas estratégias, foi mostrado que, embora só seja possível haver argumentação a partir de pontos de vista divergentes entre os interlocutores, o debate não precisa acontecer baseado em ataques e desrespeito. Contrariamente a isso, demonstrou-se que estratégias argumentativas bem elaboradas são capazes de produzir ou transformar uma discussão para se conseguir a adesão de outros participantes.

Espera-se que este estudo possa colaborar com pesquisas que tematizam o ensino da argumentação para os sujeitos ainda em idade escolar, privilegiando, nesse contexto, a corrente do

pensamento crítico que impulsionou o aspecto pedagógico na história das teorias da argumentação.

Abordagens de ensino como a que foi apresentada podem contribuir para a tomada de consciência sobre a força e o poder que a linguagem possui nos discursos que permeiam a sociedade, sejam eles virtuais ou não. Os alunos participantes do projeto puderam compreender que a força deve estar no argumento e não na relação de poder imposta na interlocução.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth. *Argumentação e Análise do Discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares*. Tradução de Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio Ferreira. EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, Ilhéus, n.1.p. 129-144, nov. 2011.

_____. *Apologia da polêmica*. São Paulo: Editora Contexto, 2017.

AQUINO, Zilda. *Conversação e conflito – estudo das estratégias discursivas em conversações polêmicas*. Tese de doutorado. FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

BRETON, Philippe; GAUTHIER, Gilles. *História das Teorias da Argumentação*. Trad. Maria de Carvalho. Lisboa: Editorial Bizâncio, 2001

BÜHLER, Karl. *Teoria del Language*. Madrid, Revista de Occidente. 1ª.ed. Tradução do alemão, 1934, Julian Marias.

CEREJA, William Roberto. *Português Contemporâneo: diálogo, reflexão e uso*. 1.ed. São Paulo: Saraiva, 2016, p.168-173.

DOLZ, Joaquim ; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. *Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento*. In: SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. Gêneros Oraís e escritos na escola. Trad. e org. ROJO, R.; CORDEIRO, G. S. São Paulo: Mercado das Letras, 2004, p. 95-128.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007a.

_____. *A Ordem do Discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. 15. ed. São Paulo: Loyola, 2007b.

_____. *Nascimento de la Biopolítica*. Curso em el Collège de France: 1978-1979. Buenos Aires: Fondo de Cultura Econômica, 2007c.

Freire, Paulo. (2000). *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

PALUMBO, Renata. *Argumentação e sociocognição nos discursos da Comunidade de Países de Língua Portuguesa*. EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, Ilhéus, n. 18, p. 104-121, abr.2019. DOI dx.doi.org/10.17648/eidea-18-2304.

PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a Nova Retórica*. Tradução: Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

VASCONCELLOS, Gilberto. *Música popular: de olho na fresta*. Rio de Janeiro: Edições do Graal, 1977.

Samara Gabriela Leal França

Doutoranda em Filologia e Língua Portuguesa (USP), Mestra em Letras (USP). Atualmente, é diretora de escola na Prefeitura Municipal de Estiva Gerbi e professora de Ensino Fundamental II - LP e LE – na escola E.E “Padre Geraldo Lourenço”. E-mail: samarafranca@usp.br

Recebido em 20/03/2022.

Recebido em 20/04/2022.